



Política operária

Greve unificada contra o fechamento da LG Importante passo na luta pela estatização, sem indenização

A greve na LG de Taubaté fortalece a greve na Sun Tech, de São José dos Campos, e Blue Tech e 3C, de Caçapava. A posição unificada do Sindicato Metalúrgico de Taubaté e do Sindicato Metalúrgico de São José dos Campos foi um passo necessário na dura luta contra o fechamento de fábricas. Trata-se, agora, de manter essa unidade a todo o custo. O melhor teria sido se a manifestação conjunta tivesse aprovado um comitê unificado, para comandar o movimento. É importante que operários de base participem do comando único.

A greve deixou de ser das fábricas de São José dos Campos e Caçapava, para se estender à LG, por onde começa o fechamento e a destruição de centenas de empregos. É preciso ter claro que o fechamento de uma fábrica atinge toda a classe operária. Assim, a greve unificada deve recorrer ao apoio dos demais trabalhadores da região. Os sindicatos dos metalúrgicos de Taubaté e São José dos Campos podem fortalecer a luta, convocando a assembleia geral em suas bases.

Os metalúrgicos da LG e das fábricas de com-

ponentes têm de evitar o isolamento em relação aos demais metalúrgicos e, inclusive, exigir o apoio dos sindicatos de outros ramos de produção. Sabemos que os operários de importantes fábricas, como a GM, Embraer e a Ford, que está sendo fechada, vêm sendo golpeados. É hora de organizar um movimento mais amplo, em defesa dos empregos.

A greve unificada não definiu claramente a luta pelo não fechamento, e a favor da estatização, sem indenização. É preciso que uma nova assembleia unificada deixe clara a rejeição ao fechamento da LG e às negociações em torno às indenizações. O objetivo tem de ser o não fechamento da fábrica. Para isso, é necessário levantar a bandeira unificada de estatização, sem indenização, e controle operário da produção. Tudo indica que o sindicato dos metalúrgicos de São José dos Campos está disposto a ir por esse caminho.

O Boletim Nossa Classe defende que a greve unificada não deixe de discutir a necessidade da ocupação das fábricas, para que a luta seja decididamente contra o fechamento e pela preservação dos empregos.

Cobrar responsabilidade das centrais sindicais

O fechamento da Ford e, agora, da LG, não são casos isolados. Desde a recessão de 2015-2016, ergueu-se uma onda de fechamento de fábricas. Com a pandemia, a destruição maciça de postos de trabalho se estendeu para o comércio e serviços.

Há algum tempo, se fala em desindustrialização do Brasil. As crises econômicas conduzem a demissões em grande escala. É nessas situações, que inúmeros capitalistas abrem falência, via de regra, os pequenos e médios. As multinacionais se protegem com o capital acumulado e o apoio dos Estados imperialistas. A Ford não quebrou, apenas decidiu pelo encerramento da fabricação de seus carros no Brasil, para concentrar em outras partes do mundo. A Mercedes encerrou uma de suas plantas, de forma a racionalizar a sua produção. Tudo indica que seja certa a informação de que a indústria automobilística como um todo está se reorganizando mundialmente, para proteger seus lucros. Podemos esperar novos fechamentos de fábricas no setor automobilístico, cuja repercussão

na cadeia produtiva é violenta.

E o que têm feito as centrais sindicais para defender os empregos e salários? Absolutamente, nada! O caso do fechamento da Ford é um dos exemplos mais contundentes da passividade das direções sindicais. O fechamento da LG, como se vê, é parte do problema maior, que se tem chamado de desindustrialização do Brasil.

Cabe à assembleia unificada dos sindicatos metalúrgicos de Taubaté e São José dos Campos, vinculados à CUT e à CSP-Conlutas, exigir que as centrais organizem imediatamente um movimento contra o fechamento de fábricas, e pela defesa dos empregos. Que se coloquem pela estatização, sem indenização, e pelo controle operário da produção.

O Boletim Nossa Classe vem defendendo que as centrais rompam com a política de colaboração de classes, saiam da passividade, e organizem imediatamente o movimento nacional pelos empregos e salários.

É PRECISO LUTAR CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES

Bolsonaro, Guedes e o Congresso Nacional acabam de privatizar 12 aeroportos, em várias partes do país. Estão em andamento as privatizações de refinarias da Petrobrás, a Eletrobrás e os Correios. A privatização de setores chave aumenta a desnacionalização, e fortalece o controle do capital imperialista sobre a economia do Brasil. A resistência isolada dos petroleiros, dos eletricitários e dos ecetistas não tem conseguido quebrar a ofensiva privatizante do governo antinacional e antipopular de Bolsonaro.

A pergunta é: por que as centrais sindicais não se unem

contra as privatizações, e organizem um movimento de apoio aos trabalhadores das estatais em luta? A mesma pergunta se faz em relação à onda de fechamento de fábricas e demissões. Não vemos as centrais passarem, do palavreado contra as privatizações e contra a desindustrialização, para a ação concreta.

O Boletim Nossa Classe denuncia a passividade das direções sindicais diante do entreguismo de Bolsonaro. E luta para que rompam essa inércia e organizem a resistência coletiva, massiva, em todo o país, contra as privatizações e fechamento de fábricas.

Por um 1º de Maio, classista, unificado e presencial!

Por um 1º de Maio que aprove um plano de emergência próprio dos trabalhadores! Por um 1º de Maio que sirva para recuperar as forças sociais da classe operária!

Pelo segundo ano consecutivo, não teremos um 1º de Maio com manifestações em todo o país. As centrais vão repetir o 1º de Maio virtual do ano passado. A justificativa da pandemia não passa de uma muleta. A imensa maioria dos trabalhadores está trabalhando, enfrentando os transportes coletivos superlotados, e sofrendo diariamente a contaminação e mortes. Se a realidade fosse outra, com a imensa maioria ficando em casa, então, as direções sindicais teriam um argumento verdadeiro. Mais ainda, se a maioria ficasse em casa, continuasse com seus empregos, e os desempregados e subempregados recebessem um auxílio emergencial equivalente às suas necessidades reais, a justificativa seria então convincente. Poderiam dizer que o isolamento social aplicado pelos governantes da burguesia estava de fato sendo efetivo no combate à pandemia. Mas não é isso que está aconte-

cendo: a população trabalhadora continua morrendo aos montes, o desemprego avança, e a fome prolifera. Não há outro caminho para os explorados, a não ser recuperar suas forças sociais, lutando em sua própria defesa.

Os trabalhadores precisam chutar essa muleta das direções sindicais. Devem dizer: queremos um 1º de Maio presencial, de luta, e que sirva para organizar um movimento pelo programa emergencial próprio dos explorados. Não queremos a impostura do 1º de Maio virtual. Queremos um 1º de Maio que mobilize a classe operária e demais explorados, para que tomem em suas próprias mãos a luta contra a pandemia e as consequências da crise econômica.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a lutarem por este programa de emergência:
a) vacinação universal, a começar pelos pobres e miseráveis;
b) plano de vacinação, sob a vi-

gilância operária e popular; c) quebra das patentes das vacinas e remédios; d) intervenção do Estado no sistema privado de saúde, nas indústrias de fabricação de oxigênio e de remédios; e) controle do SUS, do Instituto Butantan, da Fiocruz e da indústria químico-farmacêutica, pela classe operária; f) controle das medidas de isolamento social pelas organizações operárias e populares, para que não haja demissões, redução salarial e perdas de direitos; g) auxílio emergencial no valor de um salário, calculado pelas assembleias, de acordo com as necessidades reais da família trabalhadora; h) reabertura das fábricas fechadas, por meio da estatização sem indenização, e controle operário da produção; i) readmissão de todos os que foram demitidos durante a pandemia; j) plano de obras públicas, voltado a criar milhões de empregos.

O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR). Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a luta dos explorados em defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.